

Carta semanal 25 (2018): Sejamos parceiras



Queridos amigos e amigas,

Saudações do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social

Sadako Kurihara, um poeta japonês, que sobreviveu à explosão da bomba atômica em Hiroshima. Alguns meses depois, em março de 1946, ela publicou seu poema mais conhecido – Umashimenkana (Trazendo Nova Vida). O poema é sobre estar no porão de um prédio destruído, o cheiro de sangue, a proximidade de pessoas suadas. No meio de tudo isso, uma mulher entra em trabalho de parto. Não havia luz nem fósforos. Mas, fora da escuridão, as pessoas começaram a se oferecer para ajudar. Uma mulher, gemendo um segundo atrás, aproximou-se e disse que era parteira. Ela ajudou a dar à luz a criança e depois morreu pouco antes do amanhecer. O poema de Kurihara termina com uma exortação,

Sejamos parteiras!

Sejamos parteiras!

Mesmo que entreguemos nossas vidas para fazer isso.

Dois incidentes terríveis nos últimos dez dias – um bombardeio saudita de um ônibus escolar iemenita que matou cinquenta crianças e um ataque suicida do Estado Islâmico de uma sala de aula afegã que matou 48 crianças. A dureza governa esses incidentes, ambos chocantes, mas vistos como normais. O primeiro, no Iêmen, aconteceu ao norte, em uma província que faz fronteira com a Arábia Saudita. Minha **reportagem** sobre esse bombardeio termina: “Esta é a hora em que as crianças morrem. Esta é a hora em que os adultos falham, a hora dos bombardeios e das negociações impossíveis”. As bombas vieram de Garland (Texas, EUA) e os Estados Unidos agora impediram uma investigação independente do que é certamente um crime de guerra.

Aqueles que conhecem Kabul conhecem Dasht-i Barcha, uma área de esperança para o grande número de refugiados que correram para a cidade do perigoso campo – como eu indico na minha **reportagem**. Este bairro foi principalmente povoado por Hazaras do oeste do país. O ataque – pelo ISIS – deveria atacar os Hazaras porque eles são xiitas.

Tanto o ataque no Iêmen quanto no Afeganistão são parte de uma longa guerra que a Arábia Saudita tem processado desde o Mar Mediterrâneo até as montanhas Hindu Kush contra o que considera interesses iranianos. Espera-se que a Arábia Saudita e o Irã se encontrem em breve e criem um grande acordo histórico. Quaisquer que sejam os méritos de sua disputa, o impacto destrutivo do conflito para a região é grande demais.

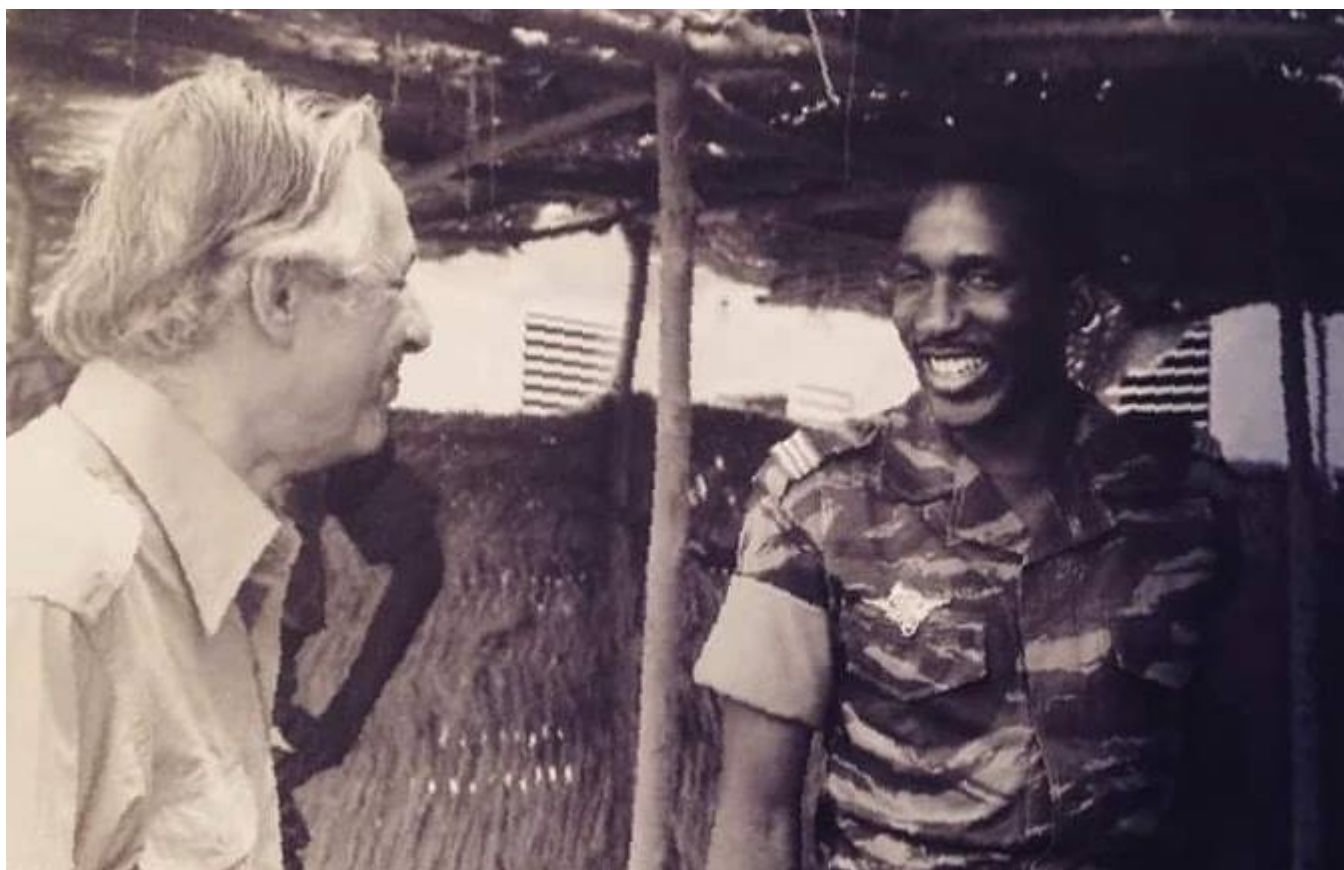
Nos dois locais das bombas, mochilas escolares estavam espalhadas. Eles são um símbolo tão comvente da infância. A ilustração acima é do artista iemenita Wafa Alshami, que se concentrou nas mochilas da UNICEF que as crianças usavam.



A **matéria** principal no *New Frame*, no dia do seu lançamento esta semana, é sobre o massacre de Marikana (África do Sul). Há seis anos, os mineiros entraram em greve apenas para enfrentar a dureza das armas do governo. Esta é uma dolorosa história de morte e desolação, de um povo que não consegue ver uma saída para o seu desespero. É difícil hoje em dia ser negligente sobre o futuro. A morte de crianças no Iêmen e Afeganistão, o assassinato dos mineiros na África do Sul – que respostas fáceis pode se dar quando confrontadas por tais realidades.

Em seu **ensaio**, Richard Pithouse, editor do *New Frame* (um novo projeto de mídia baseado em Joanesburgo, África do Sul), expõe a tristeza em série da África do Sul contemporânea – a violência contra trabalhadores e mulheres, a atitude inóspita em relação aos migrantes e aos moradores dos barracos, o terrível desemprego e desespero da juventude. Mas então, Richard cita uma linha surpreendente de Franz Fanon para dizer que vivemos em uma “sociedade não viável, uma sociedade a ser substituída”. Esta é uma linha da carta de renúncia de Fanon em 1956 do seu trabalho como psiquiatra em Blida-Joinville (Argélia). Ele estava deixando este posto para se juntar às linhas de frente da luta com a Frente de Libertação Nacional. Por que tentar tratar uma sociedade que é intratável? Por que não tentar fundar uma nova ordem social? Essa foi a medida de Fanon. É o que o *New Frame* propõe, fazer um jornalismo do povo, que – como Fanon continua naquela carta – não se esconde por trás do aparato de bom comportamento: “Nenhuma moralidade profissional, nenhuma solidariedade de classe [com os governantes], nenhum desejo de lavar a roupa da família em particular, pode ter uma reivindicação prévia. Nenhuma mistificação pseudo-nacional pode prevalecer contra a exigência da razão”. Este será o jornalismo que está enraizado nos requisitos da razão.

A foto acima é da equipe do New Frame. Boa sorte para eles!



A foto acima é de Thomas Sankara (1949-1987), o presidente do Burkina Faso, encontrando o marxista egípcio Samir Amin (1931-2018). Sankara era, em muitos aspectos, o herdeiro de Fanon, um líder de visão clara do seu povo que entendia o poder do imperialismo. Sankara queria urgentemente construir uma nova sociedade, que o povo de Burkinabé merecesse após um século ou mais de falsidade colonial. Quando Sankara foi para as Nações Unidas em 1984, ele falou poeticamente de um possível futuro,

Eu venho aqui para pedir a cada um de vocês para unir nossos esforços para que a arrogância dos que estão errados cesse, de modo que o triste espetáculo de crianças morrendo de fome desapareça, de modo que a ignorância desapareça, para que a legítima revolta do povo triunfe, para que o som das armas se cale.

Tais esperanças são frequentemente cortadas por tiros.

Samir Amin visitou Sankara porque ele compartilhava das esperanças do líder e porque já havia construído uma longa carreira na região do Sahel na África como analista e como militante. No domingo passado, Samir Amin morreu. Foi um duro golpe para muitos de nós que seguiam suas orientações ao longo das últimas décadas (o meu **artigo** está no *The Hindu*). A avaliação de Samir sobre o desenvolvimento do subdesenvolvido no Terceiro Mundo permanece pertinente até hoje, com sua paisagem conceitual ainda necessitando de debate e discussão. Por que um país como Burkina Faso – rico em ouro e manganês – permanece em situação tão difícil? As explicações que colocam a culpa nas próprias pessoas são inadequadas. Samir abriu uma importante discussão sobre o comércio internacional e sua relação com a luta de classes.

Prabhat Patnaik, cuja entrevista sobre as guerras comerciais forma a base para o **dossiê do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social** deste mês, escreve em seu **relato** sobre o projeto de Samir. A chave aqui é a superexploração da periferia. Estes são temas importantes que serão desenvolvidos em dois Cadernos Políticos sendo produzidos pela **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**: o primeiro é uma longa entrevista com Samir Amin conduzida por nossos dois colegas Jipson John e Jitheesh PM, e o segundo é um documento sobre os novos escritos sobre o imperialismo produzidos por uma equipe formada por Ahmet Tonak, Tatiana Berringer e Lucia Pradella. Por favor, fique de olho nesses dois textos.

Novos mundos não surgem do nada. É preciso lutar por eles e construí-los. P. Sainath – o parceiro senior do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social** – acaba de publicar uma brilhante **história** sobre Hausabai Patil (hoje com 91 anos). Hausabai pegou em armas na década de 1940 para lutar contra o colonialismo britânico, juntando-se a seu lendário pai Nana Patil – o chefe do Prati Sarkar. Esta história faz parte da série de Sainath para documentar as vidas de bravos combatentes da liberdade, que são reunidos num livro da **LeftWord Books** para o próximo ano. A história termina maravilhosamente. A equipe de entrevistadores está pronta para partir. Ela pergunta: “Você vai me levar agora?” Quando eles perguntam para onde, ela responde: “Para trabalhar com todos vocês”. Este é o espírito humano, destemido.



Destemidos também são as pessoas do Brasil, que marcharam centenas de quilômetros para registrar seu candidato – Lula – para a eleição presidencial em outubro. Eles vieram em ondas para Brasília, para lutar contra o golpe judicial e para colocar suas posições. Na foto estão quatro pessoas que lideram essa onda de inquietação por Lula e contra o golpe brusco, cada um fazendo um L de Lula: (da direita) o ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad, que será a vice de Lula, Dilma Rousseff, a ex-presidente do Brasil, Gleisi Hoffman, líder do Partido dos Trabalhadores do Brasil, e Manuela d’Ávila, legisladora do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), que assumirá a vice-presidência se Lula for destituído da eleição . Para o contexto completo da história, leia João Pedro Stédile da **nota** do MST sobre a situação atual publicada no *People’s Dispatch*.



Finalmente, há uma terrível crise em curso no estado indiano de Kerala. As águas da inundação se espalham pelo estado, matando e deslocando-se. A situação é terrível. Subin Dennis, pesquisador do escritório do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social** em Nova Déli, **reuniu** os dados sobre o volume de chuvas e finalizou com o endereço onde você pode doar dinheiro para uma recuperação que será muito cara. O governo de Kerala criou um **site**, que também é muito útil. Por favor faça sua parte.

Nossa imagem do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social** da semana (ver abaixo) é de Ruth First (1949-1982), a revolucionária sul-africana, jornalista e ativista anti-apartheid. Exilada de sua terra natal, ela escreveu importantes trabalhos sobre a África – de um livro sobre a Líbia ao melhor livro sobre golpes de Estado no continente – e também um clássico sobre a prisão (117 dias). “Os políticos são homens que competem uns com os outros pelo poder”, escreveu Ruth em 1969, “não os homens que usam o poder para enfrentar os problemas do país”. Ela foi assassinada em seu escritório em Moçambique em 17 de agosto pela polícia sul-africana. O arquivo de seus escritos está agora **on-line**. Sankara, Amin, First – estas foram todas as pessoas que se levantaram na escuridão, tentaram criar uma nova sociedade e depois nos deixaram para continuar a luta. Sejamos parceiras!

Cordialmente, Vijay.

PS: Você pode encontrar todos os boletins semanais anteriores em nosso **site**, assim como nossos dossiês, documentos de trabalho e outros materiais. Se você gostaria de receber este boletim em Francês, Inglês ou Espanhol – me avise. Para subscrever este boletim, visite nosso site.

